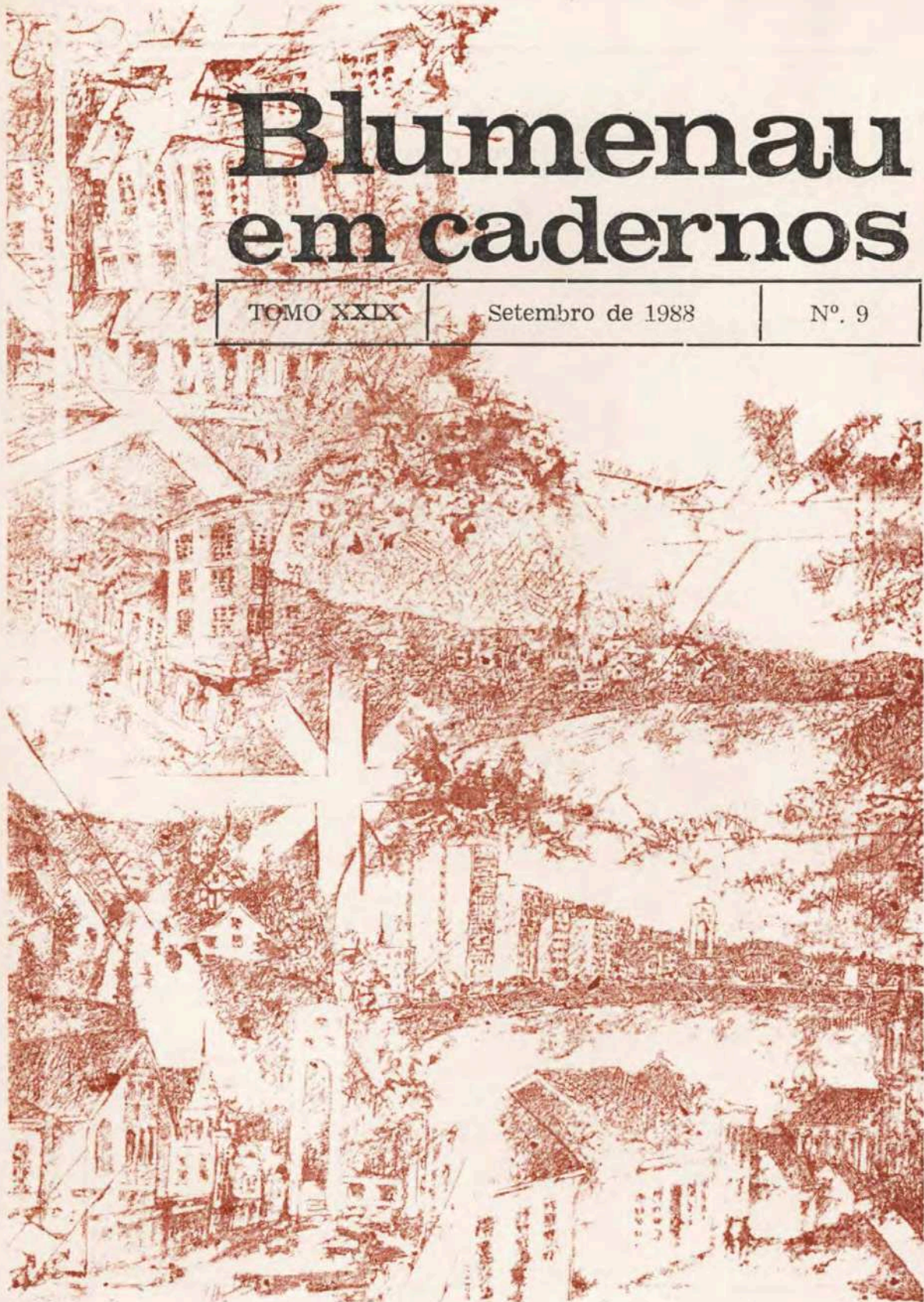


Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Setembro de 1988

Nº. 9



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos
Móveis Rossmark
Artur Fouquet
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Paul Fritz Kuehnrich
Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Setembro de 1988

N.º 9

SUMÁRIO

Página

Fundação "Casa Dr. Blumenau" inaugura acervo para educação especial	258
A família Bohn em Santa Catarina - V — Pe. Antônio F. Bohn ..	259
A procura da Biblioteca justifica o seu crescimento	260
Iniciativa louvável para a preservação de memória histórica do Balneário Camboriú	261
Subsídios Históricos — Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff ..	262
Necessidade da preservação do Morro do Quilombo, na Penha — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	264
Figura do Passado na vida joaquinese - GERALDO CORAL — José Gonçalves	266
A poesia descerá como uma bênção ou porrada — Lauro Junkes	268
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	271
Três irmãos cidadãos honorários de três cidades — F.S.F.	274
Aconteceu... — Agosto de 1988	280
Audiência consular da R.D.A. em Blumenau	283
Estrada de Ferro Santa Catarina	284

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) Cz\$ 850,00 + 150,00 (porte) = 1.000,00

Número avulso Cz\$ 100,00 — Atrasado Cz\$ 200,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 1.500,00 + 500,00 (porte) = 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Fundação "Casa Dr. Blumenau" inaugura acervo para educação especial

Através de convênio firmado com a Fundação Catarinense de Educação Especial, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" iniciou a implantação, na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", de acervos especiais de livros que possibilitem a educação de deficientes de diversas categorias, inclusive os deficientes visuais.

Como primeiro passo, a Fundação inaugurou, no dia 15 do corrente, em solenidade simples que contou com a presença de diversas pessoas interessadas, o acervo de 58 títulos em "Braille", ou seja, livros para a leitura de deficientes visuais. A solenidade visou também homenagear o inventor do alfabeto para cegos, que foi Louis Braille, que neste ano de 1988 registra-se os 179 anos de seu nascimento.

Louis Braille nasceu numa pequena aldeia do interior da França, no ano de 1809 e, desde muito jovem, trabalhou com seu pai na profissão de sapateiro. Foi infelicitado com a perda da visão, em face de um acidente com o próprio instrumento de trabalho. Passou então a viver no "escuro", como ainda hoje muitas pessoas preferem imaginar. Mas Braille reagiu à situação e começou a tatear com os seus dedos espertos, buscando encontrar um sistema de escrita e de leitura que permitisse ao cego expressar o seu pensamento pela escrita. E com seu esforço e inteligência, surgiu o alfabeto que hoje é mundialmente conhecido e praticado.

Assim Louis Braille deu aos cegos, através das gerações que se sucederam, desde sua invenção, a possibilidade de plena integração à sociedade e aculturação plena daqueles que, perdendo a vista ou nascendo cegos, tenham a mesma força de vontade de superar esta deficiência.

O atual acervo de livros "Braille" que vem de ser instalado na Biblioteca "Dr. Fritz Müller", representa, assim, o começo de grandes ampliações que no decorrer dos meses vão surgindo, levando este benefício a todos os deficientes visuais do Vale do Itajaí.

Paralelamente à instalação deste acervo, o convênio firmado com a Fundação Catarinense de Educação Especial, possibilitará a instalação de acervos de obras importantíssimas não só para cegos como para todos os alunos que requeiram ensino especial, já tendo sido transferido para Blumenau numerosos livros para a instalação da Biblioteca Especial.

Uma funcionária da Fundação "Casa Dr. Blumenau", participou, na mesma ocasião, em meados do mês, de um seminário realizado em Florianópolis pela Fundação Catarinense de Educação Especial, habilitando-se, assim, a promover a organização e sistematização do acervo ora em instalação em Blumenau, e que a partir de então já está à disposição dos interessados.

Ainda como resultado do convênio firmado, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" receberá, da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, todo o apoio para o cada vez maior enriquecimento do acervo "Braille".

A família Bohn em Santa Catarina

- V -

Pe. Antônio Francisco Bohn

Esteve recentemente na região, mais especificamente na cidade de Brusque, o prefeito da cidade alemã de Karlsdorf-Neuthard, Sr. Dr. Egon Klefenz. A convite da prefeitura municipal fez a inauguração oficial de uma praça dedicada àquela cidade, berço de inúmeros imigrantes que vieram para a colônia Itajahy-Brusque em torno da metade do século passado. Entre esses imigrantes estavam inúmeras famílias, incluindo a Bohn. Na placa comemorativa ao evento, em alemão está escrito:

“Pátria é a raiz do passado, presente e futuro. A Pátria também está ali onde a pessoa se abrigou e se sente bem”.

Karlsdorf —

Para recordar os cidadãos que emigraram na metade do século XIX ao Brasil e aqui encontraram um novo lar.

Agradecimento a seus descendentes, pois eles não esqueceram a velha terra natal Karlsdorf.

Agosto — 1988.

Interesse e iniciativa de Herbert Schindwein.

Feliz e louvável atitude das autoridades Brusquenses que não esqueceram o passado e as raízes do povoamento histórico da região.

O que aqui se plantou, permanecerá para sempre. E aos que derramaram seu suor, registra-se o eterno agradecimento dos descendentes que amam a mesma terra, tão querida dos imigrantes de Karlsdorf-Neuthard, atual denominação.

E, por isso, apresento um desses imigrantes homenageados, bem como sua família, que amou e encontrou aqui seu novo lar. Deixando a “Velha Karlsdorf” ajudou a construir a nova pátria, nela quis se sentir bem, nela construir o futuro.

Johann Bohn (* 21.12.1802) casou-se em Karlsdorf com **Katharina Barbara Köhler** (* 07.01.1801 † 15.05.1865). Tiveram 11 filhos.

1. **Georg Anselm Bohn** (* 22.04.1824 † 03.02.1892). Casou-se uma primeira vez com Magdalena Schmitt (* 14.05.1817) e uma segunda com Eva Maria Sauer (* 01.01.1837 † 16.01.1919). Permaneceu em Karlsdorf.

2. **Maria Katharina Bohn** (* 16.03.1827). Casou-se com Jacob Baumgärtner e emigrou para o Brasil em 1858.

3. **Sebastian Bohn** (* 12.08.1829). Emigrou em 1858.

4. **Maria Magdalena Bohn** (* 21.06.1831). Casou-se em 01.03.1850 com Karl Künzel. Tiveram três filhos: Helena (* 20.04.1849), Heinrich (* 20.09.1851) e Ludwig (* 07.12.1853). Partiram para o Brasil em 11.11.1858.

5. **Appolonia Bohn** (* 01.02.1833). Casou-se com Peter Josef Fuchs em 19.04.1860. Permaneceram na Alemanha.

6. **Júlia Bohn** (* 08.11.1834).

7. **Bárbara Bohn** (* 24.01.1846). Ambas, emigraram para o Brasil com o Pai Johann Bohn, em 1867. A mãe, Katharina Bárbara havia falecido em 1865.

8. **Peter Bohn** (* 25.05.1836). Faleceu no mesmo ano.

9. **Gabriel Bohn** (* 29.07.1837 † 04.06.1895). Casou-se em 06.08.1868 com Josefa Heneka (* 01.03.1840 † 20.12.1894). Permaneceu em Neuthard. Seus filhos: Julius (* 28.03.1863 † 16.07.1937). Casou-se com Katharina Weinmann em 13.10.1867. Tiveram 6 filhos, sendo que a mais nova Philomena ainda vive e mora em Neuthard. Heinrich Bohn (* 30.01.1867). Casou-se em 06.10.1900 com Katharina Baumgärtner (* 1878 † 29.03.1914). Casou-se pela segunda vez em Karlsruhe e teve seis filhos, todos já falecidos. Theresia Bohn (* 07.10.1878 † 1938). Casou-se em 30.01.1900 com Theodor Heneka.

10. **Josef Bohn** (* 02.04.1839). Casou-se com Francisca Mahl (* 14.09.1832) no Brasil. Emigrou em 1860, chegando no mesmo ano na Colônia Itajahy-Brusque. Teve 4 filhas: Maria Tereza (* 25.09.1862), Catharina Bárbara (* 01.08.1865), Brigitta (* 08.10.1867) e Maria Magdalena (* 10.08.1871).

11. **Markus Bohn** (* 26.04.1841). Casou-se em 14.05.1868 com Katharina Rudi de Michelfeld perto de Sinsheim e provavelmente mudou-se para esta cidade.

A PROCURA DA BIBLIOTECA JUSTIFICA SEU CRESCIMENTO

De mês a mês, vem crescendo o número de pessoas — particulares ou do meio estudantil, que procuram as estantes da Biblioteca "Dr Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", para fazer suas pesquisas ou empréstimos de livros para leitura em casa.

Assim é que o acervo atualmente catalogado nas nossas estantes é de 18.086 títulos, tendo sido adquiridos, durante o mês de agosto, 111 novas obras, que importaram em Cz\$ 14.600,00. Além disso, a Fundação recebeu, durante os meses de julho e agosto últimos, nada menos do que 3.728 livros valiosíssimos, os quais serão registros e catalogados nos próximos meses.

O número de empréstimos durante agosto, alcançou 607, enquanto que 1.468 fizeram consultas no local.

Enquanto isso, a Biblioteca Ambulante que circula todos os meses pelas escolas isoladas e reunidas do interior do município, possui um acervo de 2.168 livros, tendo feito 682 empréstimos nas 19 localidades percorridas.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

INICIATIVA LOUVÁVEL PARA A PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIA HISTÓRICA DO BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Através da coleta de documentos, fotos, depoimentos e entrevistas com historiadores e pesquisadores, o jornalista Eduardo Alencar de Azambuja, pretende reconstituir a história do desenvolvimento de Balneário Camboriú a partir dos anos 30, para mostrar e resgatar um pouco da vida deste Balneário, que já teve hóspedes ilustres, como o ex-presidente João Goulart.

Denominado de Projeto Memória da Praia, o trabalho exigirá tempo e dedicação, contando em fotos e fatos a evolução de Balneário Camboriú, a partir da época em que começou a ser freqüentado pelos moradores das cidades vizinhas de Brusque, Blumenau, Itajaí, Tijucas, Gaspar, Timbó, Indaial e todo o Vale do Itajaí.

“Minha intenção, diz o jornalista Eduardo Azambuja, “é transformar todo este material em crônicas, que serão publicadas regularmente pela imprensa. Vamos mexer com aquilo que é mais próprio neste tipo de trabalho, a saudade e a lembrança, dum tempo em que os carros estacionavam na beira do mar, a luz vinha dos lampiões de querosene, todas as casas tinham seu poço artesiano. Um tempo em que as festas e a diversão aconteciam no restaurante Mariluz, no Maringá, no Iate Clube ou no Rancho Verde. Um tempo bonito em que o Seu Olavo era quem tratava de todos os doentes, a dona Muche fornecia os gêneros de seu armazém e o Seu Dadá alugava sua pequena casa de madeira durante a temporada. As crianças se deliciavam com os sorvetes da tradicional fa-

mília brusquense, cujo patriarca é Alfredo Koeller.”

“São estes fatos que não estão registrados”, observa o jornalista. Temos um trabalho muito bom, que foi executado por Isaque de Borba Correa, contando a história das duas cidades, Camboriú e Balneário Camboriú. Ele se debruçou em documentos, fotos e fatos, executando uma obra de importância, sobre os primeiros povoadores. Pretendemos agora, dar continuidade naquilo que ele começou. Esmiuçar novos fatos, a partir de 1930, quando começa a ascensão do balneário, com a chegada de Jacó Schmidt, Laureano Bittencourt, Baturité Campos, Bruno Silva, Miguel Matte, Eduardo Delatorre, Adolfo Fischer, Paulo e Lilly Onoken.

Do trabalho e do esforço destas pessoas, que se formou a infra-estrutura de Balneário Camboriú. Da iniciativa destas e outras pessoas, é que surgiram estabelecimentos como o Hotel do Jacó (primeiro da cidade) a Casa Silva, o Hotel do Baturité, o Hotel Miramar, a Farmácia Central, o Hotel Fischer e por aí fora. Mas foi de Blumenau o maior afluxo daquilo que chamamos de “turismo doméstico”.

“E nesta cidade”, diz Eduardo Azambuja, estaremos buscando o material para o Projeto Memória da Praia. Vamos visitar aqueles moradores que construíram em Balneário Camboriú, suas residências de verão, estimulando por conseguinte, o investimento que aqui se fez. Também aqui em Balneário Camboriú, estaremos recolhendo material, para depois

de triado e documentado, fazer parte do arquivo municipal.

“Um material informativo em forma de crônica, é sempre mais agradável de pesquisar ou ler. E nisto reside o desafio. Participar da história da cidade, remexendo em arquivos e recordações. Para isto, vamos precisar da paciência e do apoio daqueles que vamos consultar, e que não serão poucos. Há muito por fazer, concluiu o jornalista. Aqueles, interessados em prestar informações, podem manter contato pelo telefone 66-0318 ou escrever para a Rua Portugal, n.º 480 em Balneário Camboriú. Eduardo Azambuja, atua na imprensa catarinense, desde 1974, quando iniciou sua

atividade profissional em Blumenau no Jornal de Santa Catarina, passando posteriormente pelo jornal “O Estado”, e jornal “A Nação”, na condição de repórter especial e editor. Atuou também na área de publicidade e fotografia, quando executou diversos documentários, atualmente arquivados na Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Está residindo em Balneário Camboriú, desde 1985 sendo micro-empresário do ramo de produtos alimentícios e colaborador dos jornais Santa Catarina e Jornal Balneário Camboriú. Até dezembro do ano passado exerceu a função de assessor de imprensa da Prefeitura de Balneário Camboriú.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do “Kolonie Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTÍCIA DE 6 DE OUTUBRO DE 1866:

Dona Francisca — Artigos fornecidos da Colônia Dona Francisca para a Exposição Provincial em Desterro. H. Fissmer: uma fechadura, 15\$000 Rs. — A. Richter: uma gaiola de latão, 15\$000 Rs. — A. Kroehne: a maquete da ponte sobre o rio Piraí. — L. Wetzel: velas de cera e de sebo e rolos de cera. — H. Lepper: dois vasos de barro e tijolos. — J. Richlin: couros de reses e de ovelhas, peles curtidas, um par de botas de canhão, 13\$000 Rs. e um par de botas, 4\$000 Rs. — H. Glueck: charutos. — Th. Voss: charutos. E. Trinks: rapé e cachimbos. — A. Frehse: cordas e laços. — Martens: artigos de torneiro. — Diretor L. Niemeyer: um coche, 350\$000 Rs., feijão preto e branco, duas qualidades de arroz, taiás e margaritos. — “Culturverein” (Sociedade de Cultura): seis cadeiras com traçado de cipó, 1\$200 Rs. cada uma, três poltronas de cipó, a 2\$200 e 3\$000 cada uma, duas cadeiras de balanço trançadas de cipó, a 4\$000 Rs. cada uma, três vassouras de cipó, a 320 Rs. cada uma, rolos de cipó, um carrinho de mão 8\$000 Rs., três relhos, a 1\$000 Rs. cada um, uma bolsa de caçador, uma escarcela, farinha de mandioca brava e de aipim, milho branco, amarelo e vermelho, fubá grosso e

fino, seis qualidades de cará e de aipim. — O. Doerffel: diversos tipos de tijolos e telhas, ladrilhos quadrados e sextavados, artigos gráficos, mel e frutas frescas. Viúva Euch: goiabada e frutas em conserva. — B. J. Poschaan: açúcar. — B. von Frankenberg: polvilho de araruta. — C. Metternich: arroz descascado, farinha de arroz e de milho e sêmola de arroz. — E. Krisch: arroz, farinha de arroz e de milho e sêmola de arroz. — A. Kalotschke: azeite de colza, bolo de azeite e sementes de colza.

NOTÍCIA DE 24 DE NOVEMBRO DE 1866:

Dona Francisca: — No dia 18 de novembro a sociedade "Turnverein zu Joinville" (Ginástica), festejou o seu 8.º aniversário de fundação, com a consagração de seu estandarte, encomendado em Leipzig, Alemanha, com a participação do coral "Sängerbund" (Liga de Cantores) e grande público, em sua sede, ricamente ornamentada de flores, palmeiras e bandeirolas . . .

NOTÍCIA DE 1.º DE DEZEMBRO DE 1866:

Dona Francisca. — Cultivo de hortaliças. — O cultivo de hortaliças européias, que até agora não dava resultados satisfatórios, vem progredindo ultimamente. Neste ano, já foram vendidos em Joinville, procedentes das estradas da Serra e da Ilha, couve-rábanos, cenouras, repolhos, rabanetes, cebolas, etc. de excelente qualidade e tamanho.

NOTÍCIA DE 8 DE DEZEMBRO DE 1866:

Dona Francisca. — Aniversário de D. Pedro II. — Como de costume, o dia 2 de dezembro, aniversário do nosso venerado Imperador, também este ano foi condignamente comemorado. Depois do anoitecer, o rufo de tambores defronte do Salão Ravache anunciava o início da passeata que, ao som da banda de música e à luz de inúmeras lanterninhas multicolores, se locomoveu pelas ruas da Cidade até o porto, regressando dali, até o Salão Ravache, em todo o trajeto recebida com fogueiras crepitantes e o estalar alegre de foguetes. A iluminação das casas desta vez foi mais brilhante do que nos anos anteriores, e as luzes multicolores se refletiam nas casas ornamentadas de flores. Uma grande fogueira armada no pátio da igreja protestante chamou a atenção de todos, pelas suas dimensões e sua beleza. Sob vivas ao Imperador e ao Brasil a parada seguiu até o Salão Ravache e a festa terminou com animado baile até a madrugada.

NOTÍCIA DE 22 DE DEZEMBRO DE 1866:

Dona Francisca. — Exportação. Partiu novamente de São Francisco no dia 18 deste mês, o navio "Franklin", com escala na Bahia, levando grande carregamento de polvilho de araruta, de couros para solas, de charutos, com destino a Hamburgo, Alemanha. Os referidos artigos são onerados em média com 12% de imposto de exportação. No dia 15, partiu de São Francisco um navio prussiano, carregado por conta dos Srs. Wellmann & Cia., Desterro, com madeiras da Colônia Dona Francisca.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

NECESSIDADE DA PRESERVAÇÃO DO MORRO DO QUILOMBO, NA PENHA

A historiadora e nossa colaboradora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, enviou, em abril do corrente ano, para o geólogo da UNESP e mestre em Análise Ambiental Luiz Fernando Krieger Merico, a seguinte carta:

“Curitiba, 2 de abril de 1988.

Prezado Luiz Fernando:

Os moradores (permanentes ou não) da praia do Quilombo, em Penha, conhecida também como Praia dos Surfistas, encaminharam ao Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Penha e à FATMA, um abaixo assinado reivindicando o seguinte:

— o Morro do Quilombo está ameaçado em função da devastação da sua copa e da abertura de uma via de acesso para veículos e posterior construção de alguma edificação;

— não podemos deixar que aconteça uma tragédia, com pedras rolando em função dos constantes desmoronamentos de terras que vem ocorrendo;

— grande parte deste morro pertence à Marinha (Terras da Marinha);

— é uma área de preservação permanente.

Particularmente, tenho a informar o seguinte:

— o Morro do Quilombo é, geograficamente, conhecido como Morro do Cambri e como tal foi registrado e descrito pelo historiador/viajante Auguste de Saint-Hilaire quando de sua passagem

por Santa Catarina por volta de 1820;

— é, no litoral norte de Santa Catarina, um dos últimos resquícios de Mata Atlântica tão próximo do mar, pois que termina em costão na Ponta do Cambri;

— constitui, por si só, um monumento de exaltação ao verde.

A Prefeitura Municipal de Penha tem, em seu Plano Diretor, Físico e Territorial do Município, no Cap. III das Normas Relativas às Áreas de Preservação Permanente, o art. 33 que se refere à proibição da derrubada de floresta e das demais formas de vegetação e exploração.

Não é uma contradição?

Já no Cap. IV — dos Terrenos da Marinha — o art. 34 reza no parágrafo primeiro:

“Os acrescidos de terrenos de marinha formados por acessão natural ou artificial, serão destinados à implantação de áreas verdes de uso público”.

Ora, as áreas verdes já existem. Resta pois, usando de bom senso, preservá-las...

Quem conhece Penha sabe que é uma aberração à natureza o que estão fazendo. A área de 2.200 m² foi vendida recentemente e, segundo informações extraoficiais, o proprietário quer fazer dela o melhor uso aproveitando, talvez, para erguer um hotel. C visual é lindo. A paisagem é digna de ser vista. Mas, para onde irão as redes de esgoto, água pluvial, etc, etc.? Notadamente para o mar ou para os terrenos abaixo do Morro. E como minha casa é perto, reclamar é preciso. Pron-

to. Fiz a minha parte. Espero que não haja omissão por parte de quem deva tomar as devidas providências. Quem sabe os artistas da vida que se uniram em torno da Farra do Boi agora não se unam à esta farra que, ao contrário daquela, é de maior utilidade pública? Ou eles também descobriram que na Penha não pode estar o maior reduto eleitoral deles?

Agora que a devastação assume forma real, e antes que seja tarde, assumo este posicionamento reivindicatório sobre impacto ambiental.

Nesta certeza, firmo-me,
Atenciosamente,

Maria do Carmo"

X X X

Como resposta pública à carta de Maria do Carmo, o prof. Luiz Fernando escreveu o trabalho que vamos transcrever, intitulado — INSTITUTO GEOLÓGICO CATARINENSE:

INSTITUTO GEOLÓGICO CATARINENSE

Luiz Fernando Krieger Merico

Normalmente o povo não tem a quem recorrer. Desamparado por uma justiça morosa e atrasada e uma administração pública inadimplente, o cidadão vê seus direitos constantemente relegados a um plano inferior. Quem deveria planejar, não planeja; quem deveria executar, não executa; quem deveria legislar, não legisla. Há órgãos com superposição de atividades e grandes vazios administrativos em outras áreas. A es-

cala de prioridades passa longe do povo e do rigor técnico.

Ao passo que sentimos a ineficiência de órgãos governamentais (alguns necessitando mesmo ser extintos), sentimos também a falta de políticas definidas e órgãos competentes que pudessem gerenciar, solucionar e desenvolver determinadas atividades. Assim, pensamos que o Instituto Geológico Catarinense seria uma boa dose de lucidez e de antecipação aos problemas do estado, a exemplo do que ocorre em São Paulo. Este estado possui dois órgãos competentes, o IPT — Instituto de Pesquisas Tecnológicas, ligado à Secretaria de Ciência e Tecnologia, e o IG — Instituto Geológico, ligação à Secretaria de Meio Ambiente, que, em ações conjuntas ou isoladamente, dão excelentes mostras de funcionamento. Como exemplo pode-se citar o trabalho conjunto que está sendo realizado pelo IG e IPT nas encostas da Serra do Mar (abrangendo boa parte do litoral paulista) para a prevenção de escorregamentos e deslizamentos, os quais dispensam comentários sobre seus efeitos catastróficos.

Na tentativa de clarificar a proposta, é possível listar-se uma série de exemplos nos quais um IG seria de grande utilidade:

— fornecimento de laudos técnicos para a população. Uma vez solicitado, o IG realizaria laudos técnicos sobre atividades relacionadas ao meio físico como: loteamentos irregulares, proteção às áreas de risco, disposição irregular de lixo (industrial e doméstico), etc. O documento serviria como base para posterior ação judicial;

— apoio técnico à atividade

de mineração, principalmente no que concerne ao controle ambiental e métodos de lavra, possibilitando uma exploração racional dos recursos naturais, bem como realização de mapeamentos geológicos;

— assessoramento técnico a municípios na confecção e implantação de planos diretores, reavaliação dos já existentes e elaboração de leis de zoneamento (disciplinamento da ocupação do solo);

— cadastramento e controle de perfuração de poços para água subterrânea;

— gerenciamento costeiro com avaliação de sedimentação, correntes atuais e solos para o eficaz planejamento destas áreas;

— dimensionamento de problemas geotécnicos com elaboração de cartas geotécnicas e geomorfológicas;

— problemas associados à erosão, assoreamento de reservatórios, etc.

As ações do IG seriam necessárias, por exemplo, no município de Penha, onde o morro do Quilombo (ou morro do Cambri) está ameaçado em função de ocupações irregulares, causando riscos eminentes de deslizamentos com graves conseqüências para a população. Também no município de Brusque, onde poderia assessorar um plano diretor — antiga reivindicação da comunidade, apenas para citar dois exemplos.

Desta maneira, a criação de um Instituto Geológico em Santa Catarina preencheria um enorme vazio administrativo estadual, e então, certamente, o povo de Penha e de Brusque teria a quem recorrer.

FIGURA DO PASSADO NA VIDA JOAQUINENSE

José Gonçalves

GERALDO CORAL

Dia 18 de agosto de 1984, a comunidade de São Joaquim, a pitoresca e acolhedora cidade serrana catarinense, foi sacudida por um falecimento que para a maioria daquele povo, foi uma tragédia que não deveria ter acontecido.

Naquele dia, faleceu em violento desastre de automóvel, na rodovia que liga Florianópolis a São Joaquim, o jovem cidadão Geraldo Coral.

Ele viajava na companhia do ex-vice-governador e deputado federal Henrique Córdova, o qual milagrosamente salvou-se do grande desastre.

Geraldo Coral teve morte instantânea. Foi seu corpo transportado para São Joaquim, sua terra natal, e aonde vivia, pois que para lá se dirigia naquele dia fatídico.

As homenagens prestadas a Geraldo Coral pelo povo joaquinense foram emocionantes, já que ele era uma das figuras que viviam o dia-a-dia da cidade, de seu povo. Nascido ali, no dia 21 de novembro de 1944, Geraldo, desde os primeiros anos de sua juventude, foi sempre aquele moço dedicado aos estudos, ao trabalho, à sua família e a seus

amigos que sempre se somaram às centenas. Geraldo cresceu. Passou a ocupar funções de responsabilidade na atividade familiar, dirigindo com capacidade e entusiasmo tudo o que seus pais lhe destinavam a cuidar. Uma das atividades que desenvolveu durante muitos anos, foi a de administrar o Hotel Maristela. Era o perfeito anfitrião, o relações públicas por excelência. Sua personalidade marcante envolveu-se com a maioria do povo de sua terra, sem distinção de classes sociais, raças, etc. Aos 23 anos, casou-se com a Srta. Rosa Maria Rovari de Lavi — em 21/2/1970, passando então a revelar mais uma nobre característica de sua sensibilidade, tornando-se o esposo dedicado e, mais tarde, o pai extremoso dos filhos que foram nascendo.

Ao ser interrompida a trajetória de sua proveitosa e exemplar existência, Geraldo Coral contava com 33 anos de idade.

Era filho de Laudelino Coral e de dona Eugênia Renor Coral e possuía 10 irmãos.

Geraldo Coral nasceu no dia 21/11/1944.

Fez seus estudos primários e segundo grau na Escola Técnica Federal de São Joaquim e no Colégio Santa Cecília do Rio de Janeiro.

Expressando todo o sentimento de que ficaram possuídos seus inúmeros amigos e conterrâneos, um de seus mais diletos amigos, o Sr. Manoel Borges, publicou, no jornal "Correio Lageano", edição do dia 15 de setembro de 1984, o seguinte "Bilhete a um Amigo" — Geraldo Coral:

"Você não compareceu ao nosso encontro. Estaria tudo muito bem se não fosse você que tivesse marcado. Ninguém nunca esperou por você. Era mais fácil você chegar antes.

Eu fui ao encontro. Cheguei antes. No telefone você disse que era para eu estar em São Joaquim às 10 horas. Cheguei na querida terra, às 9 horas.

Não entendi bem. O pai, que sempre aguardava a sua alegre visita, disse-me, com muitas lágrimas a rolar na sua face, que você não vinha mais. Na minha casa, todos aos prantos, confirmaram a notícia.

Fui ao encontro de sua mãe. A Da. Eugênia só me perguntou: "Maneca, onde está o nosso Geraldo?"

Daí para frente tudo mudou. Vi o Totonho e o Tarzan chorando. Convenci-me de que você não vinha mais mesmo.

O Padre Blévio explicou que você, pela sua atividade social de ajuda aos outros, principalmente aos pobres, está no céu. Todos temos certeza de que é verdade. Você queria ver todo mundo bem.

Tenho a convicção de que você vai ficar de olho na porta celestial, para facilitar a entrada de algum amigo, menos avisado, que não exercitou o bem por aqui. Era só o que você sabia fazer: resolver o problema dos outros.

Tenho de você uma doce lembrança da nossa sincera e profun-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial Blumenauense
--

da amizade. Foi no seu conteúdo que aprendi a perdoar. Lição que quero legar ao meu filho, que é seu afilhado.

Só tem uma coisa para mim: você está viajando. Um dia vamos nos encontrar para colocar as novidades em dia.

A sua viagem está num plano superior. Você já está na estrada da felicidade, transpondo arco-íris e vislumbrando campinas de um verde muito intenso. Tão intenso quanto a sinceridade dos seus olhos. Com certeza você vai parar na margem do lago dourado e fazer uma foto, coisa que muito gosta. Espero que esteja pilotando um lindo carro. Sempre no capricho. Por dentro e por fora. Você já deve estar nele. Senão, o Céu de nada valeria para você.

Eu vou encerrar, Geraldo. Fique de olho na porta Celestial, pois eu não tenho a grandeza do seu coração e muito menos sei amar as pessoas como você amava. Um dia estaremos juntos. Aí quero que você me peça para declamar o "Sonho Impossível" e "Barquinho de Papel", como sempre fazia nas nossas incontáveis viagens. Vou decorar outra dedicada a você: "Bondade Sem Fim".

Uma abraço, com muitas saudações do

Manoel Borges.

A POESIA DESCERÁ COMO UMA BÊNÇÃO OU PORRADA

Lauro Junkes

Quem estiver atento ao mundo que o circunda, certamente deverá dar algum crédito a Darwin: de fato, tudo se transforma, acontece a evolução. Até mesmo no reino da poesia tal constatação é verificável. Se qualquer clássico autêntico de três ou quatro séculos passados lesse certos poetas de hoje, certamente ficaria horrorizado e desclassificaria o trabalho, por fugir de todos os nobres padrões poéticos.

José Endoença Martins, poeta Blumenauense, se enquadra perfeitamente entre os que não só seriam colocados à margem do Olimpo clássico, mas que seriam banidos radicalmente dessa elite seleta, enclausurada na sua "torre de marfim". Assumidamente anticonvencional, tanto na forma de expressão como na temática e no

seu tratamento, o poema de Endoença constitui uma resposta poética à nossa civilização decididamente antipoética. Já o Bandeira pré-modernista falava da morte do lirismo no poema "os sapos": "Não há mais poesia" ou na "Poética": "Estou farto do lirismo comedido/ do lirismo bem comportado", concluindo: "Não quero mais saber do lirismo que não é libertação". Isso porque estava convicto de outro lirismo, tendo vivido liricamente 82 anos de vida e de poesia. Fato é que o lirismo se transforma, evolui, assume novas expressões, porque o nosso mundo não é mais o mesmo de outros séculos e outra é a visão nossa da realidade (diga-o Drummond com seu "sentimento do mundo").

Os próprios títulos dos livros

de José Endoença registram de imediato sua perspectiva aguçada, crítica, irônica da vida nessa nossa civilização massificada, consumista, agressiva, multinacional. Agredindo frontalmente a sintaxe da gramática bem comportada e revidando à agressividade consumista, intitulou seu primeiro livro de **ME PAGAM PRA KAPUT** e para o segundo ironizou nada menos que **ME TOMAM PRA DO- RYL** (ambos impressos na Fundação "Casa Dr. Blumenau"). O comentário subsequente atém-se ao segundo.

Vários poemas do volume explicitam em parte a concepção poética de Endoença. Desvestindo ou deserdando o poema e o próprio trabalho do poeta de toda e qualquer aura mística que tradicionalmente os envolvia, afirma nosso poeta: "Sou poeta/ de vida/ vãia./ Não faço/ poesia/ como-a/ como feijoada/ de aletria". (poema 8). Trata-se de heresia digna de fogueira! O poema 13 desmistifica mais drasticamente a suavidade que envolvia a poesia, quando adverte a amiga que espera a poesia "debaixo de/ uma Poerâmide": "A poesia/ descerá/ como/ uma bênção/ ou/ uma porrada". Eis como acontece o fato "sublime" da inspiração! Mais duramente herética e escandalosa é a concepção decorrente do poema 43: "A poesia precisa feder" e também "Os poetas precisam feder", contrariamente ao lirismo delicado, porque "uma poesia bonita é/ como uma prostituta cheirosa". Nesses poemas nada mais subsiste da intenção "lírica" costumeira, que prezava os sentimentos de suavidade, ternura, delicadeza, romantismo e embelezamento. Mais textos meta-

poéticos são: 9, 42, 59, 69, 98 etc.

Não é por outra razão que podemos encontrar nessa nova concepção poética referências a outros poetas que desbravaram a vanguarda modernista: Mário de Andrade ("mais que/ mar e rio/ de andares" — poema 47); o Bandeira de Pasárgada ("voumembo- ra/ pra Iratréia./ Lá não há tempo/ do homem" p. 113); ao Drummond de "E agora, José?" (p. 126) ou ao fingidor poeta Fernando Pessoa ("um poeta/ tenta brincar/ de palhaço/ de homem/ com arma de fingi dor/ e brinca..." (p. 129).

Livre na concepção do que é poema, livre de quaisquer estruturas formais aprisionantes, os versos de Endoença fluem com natural inovação, criando o que ele mesmo denomina de 'poema minuto', afirmando que "o minuto/ é o/ poema" (p. 2). Se os próprios versos são curtos, consistindo freqüentemente de uma só palavra, também o conjunto de versos que forma o poema é de pequena extensão. Resulta então o "poema minuto", curto, sintético, pouco discursivo, declaradamente existencial, como que um "take" ou tomada-relâmpago do real, sem mistificação nem refinamento.

A expressão lingüística, sim, vem marcadamente trabalhada, sempre em busca da melhor expressão, que possa alargar as conotações, pois a palavra é sempre limitada, e, no poema, há necessidade de o indizível transparecer e despertar a sensibilidade perceptivo-imaginativa do leitor. Os recursos estilísticos insistentemente explorados por Endoença Martins se encaminham sempre para ressaltar o estrato sonoro da lingua-

gem, fazendo-o reforçar a riqueza semântica. Muitas vezes a utilização de rimas ou correspondências sonoras exerce efeitos positivos sobre a afluência e leveza dos versos, dinâmicos já em decorrência da brevidade.

Cultiva, por exemplo, a aliteração, marcada pelo fonema /v/ no poema 54 ou pela insistente e ameaçadora bilabial nasal /m/ no poema 104: "Dizem que/ o homem de boné/ mete medo/ e mete/ metas/ matos/ e mortes". Modulações sonoras diversificadas conferem nova beleza ao ritmo dos poemas, além de contribuir para sua expressividade. Assim as valiações vocálicas no poema 110 criam um certo paralelismo com os tons da escala musical: "De gola (amassada)/ de gala/ de galo..." Numa variação mais sutil, como que de semitons sustentados ou bemóis, é a referência a "Ali, tão credo/ era o povo./ Ali, tancredo/ é o povo..." (p. 119).

Mas, nessa linha, a marca estilística mais constante na expressão de Endoença é o trocadilho, um hábil jogo de palavras que desdobra significações, provocando graça, humor ou ironia. Pequenas variações gráficas ou sonoras da palavra destacam sua harmonia sonora e ampliam sua abrangência significativa, como em "agarra/ a garra/ agora" (p. 11), a metamorfose verbal de "estação — estar são — estar só — estar sóbrio" (p. 12), outra sutil e irônica variação em "armas e bagagens — almas e bobagens — amas e bandagens" (p. 22) ou ainda a drástica desmistificação de "lamparinas/ e lupanares/ lobos/ ares/ couros/ caras/ e cáries" (p. 144). No poema 27, "cruzado" assume clara conotação

de humor irreverente. Já no 141 o trocadilho transcende o simples tom jocoso para conter referência política na contraposição entre "o cruzeiro/ (que) é do sul" e o "cruzado / do norte". Sugestivos jogos de palavras figuram em poemas como o 31, 51, 53, 74. O trocadilho, pela transformação, decomposição ou recomposição do vocábulo pode abrir horizontes à expansão da significação, como no poema 35:

"Tatajai
 estar, já ir
 ser rio
 assim
 sorrio
 de ti.
 Ser
 estar
 já ir."

Esse poema pode também comprovar a significação expressiva de outra característica desses poemas: a sua importância visual, ou seja, o jogo da disposição das palavras e a repartição dos versos pelo espaço disponível da página. Destaque-se a drasticidade vertical dos fonemas/grafemas do poema 15.

Enfim, para não alongar-me demais, algumas palavras sobre a cosmovisão poética, a temática do autor. Já foi observado que, indissolavelmente ligado a essa cosmovisão, está o caráter irônico, a atitude crítica, a irreverência insubmissa do autor a imposições e estratificações tradicionalistas. José Endoença centra seu poema no homem, de certo modo colocado como absoluto, na sua existencialidade pura e simples, libertado de poderes extra-humanos, criador ou inventor mesmo de Deus

(poemas 115 e 99), contrariando a concepção generalizada.

Esse homem existencializado se assume decididamente como macho e, como tal, busca naturalmente a mulher, o sexo, o amor. Eis os temas quase obsessivos. A mulher, objeto de amor, constitui a meta constante do homem, assumindo as mais diversificadas feições e caracterizações: atitudes da mulher (p. 37, 44, 50), a mulher ao nível de animal (p. 56), a "mulher deitada" (p. 66), a situação de grávida (p. 82), a mulher e a água/rio (p. 81), a mulher e a música (p. 83), a mulher e Drácula (p. 88), a mulher e seus "instrumentos" (p. 89), "a arte/de ser/ mulher" — "cama/leoa" (p. 105), o consumo da mulher nua nas revistas (p. 124), "as mulheres/ de rua" e "de minha vida" que são "reais e fatais" (p. 125), os tipos possíveis de mulher (p. 128) ou o que exigir da mulher (p. 147).

Ligado ao tema da mulher

está o do amor na era do "descartável" (p. 5) ou do "fio dental" (p. 25), o amor tradicional (p. 75) e o de novas geografias (p. 76), o amor "constipado", pois também "o amor engripa" (p. 95) e, sem dúvida, o amor com seu inevitável "jogo" (p. 111).

Passageiramente José Endoença também atinge mais agudamente a realidade político-social com seu poema, como na contraposição patrão/operário (p. 48), no direito às eleições já (p. 103), num novo enfoque do dia das mães (p. 139), na demagogia das negociações políticas (p. 150).

Estes são alguns destaques que me ocorreram na leitura dos poemas de ME TOMAM PRA DO-RYL, poemas-minuto que, na sua brevidade, englobam constante inovação, fugindo dos tradicionais padrões líricos. José Endoença Martins já criou seu estilo próprio de poesia. Pode não agradar a espíritos delicados, mas o valor da marca poética é inegável.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

TRADIÇÃO E FOLCLORE

Foi criado na cidade de Lages o "Instituto Lageano de Tradição e Folclore" (ILTF), com objetivos estritamente culturais, visando difundir, valorizar e incentivar as manifestações e vivências do homem serrano, entendido como ser social, com suas características inconfundíveis, representado pelo tipo *sui generis* do "gaúcho" (sem conotação geográfica).

Como parte de seus primeiros trabalhos, pretende o Instituto lançar um livro de contos em co-autoria, de escritores serranos, mesclando autores inéditos com nomes já consagrados, participando estes últimos na qualidade de convidados. Para esclarecimento dos interessados está sendo distribuído um regulamento com as normas para a edição da coletânea, solicitando inclusive sugestões dos parti-

cipantes. Como título provisório, sugere a entidade organizadora o nome de "I Coletânea de Contos Serranos", sujeito a eventuais alterações. O Instituto publicou anteriormente a "I Antologia Crioula de Poetas Lageanos" (1987), reunindo as produções de diversos poetas vinculados pelo nascimento, pela temática ou por quaisquer outras razões com o universo dos Campos de Lages. É um livro muito interessante mostrando muita coisa da alma do campeiro, sensível aos apelos poéticos de uma natureza exuberante e de uma vida solitária nos grandes descampados, onde o ser humano tende a voltar-se para o seu próprio interior.

Os objetivos dessa nova entidade cultural catarinense são do maior interesse e merecem o nosso aplauso e apoio. Esperamos que o Instituto tenha existência duradoura e realize em toda sua plenitude as suas finalidades. Vemos com satisfação que a região dos Campos vai aparecendo cada vez mais no mapa literário de Santa Catarina, despertando iniciativas meritórias como essa.

Preside o Instituto o poeta Renan de Córdova Melo.

— . — . — . — . — . — . —

MILA RAMOS

A escritora e poeta joinvilense Mila Ramos, já bem conhecida dos leitores catarinenses, acaba de lançar a segunda edição de seu livro "Na Grande Noite dos Girassóis" (Edições Ipê — Joinville — 1987). Esse livro, recebido com louvores pela crítica e pelos leitores, quando de seu aparecimento, reúne poemas que se dividem em diversos grupos, cada um desses grupos tendo um motivo central, tal como acontece com "Mareando", "Amando", "Pintando" e assim por diante. Em todas essas poesias está presente a boa técnica de uma poeta que domina a sua arte e por trás dessa técnica a presença da artista sensível cujas vibrações se refletem nos versos e se transmitem ao leitor.

O aparecimento dessa segunda edição, especialmente em se tratando de um livro de poesias, é um fato raro nas letras catarinenses, onde em geral até as primeiras edições dormem empoeiradas nas prateleiras dos encalhes. Por isso, além da qualidade de seus versos, Mila Ramos está de parabéns. E para que os leitores tenham uma prova, transcrevo abaixo um dos pequenos poemas do livro (p. 24):

MARCAS

Pés na areia,
coração no mar.
Minhas pisadas
vão marcando a praia.
Meu coração pisado
nem marcas
deixa
no mar.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Registro o aparecimento do número 2, do volume 5, do Boletim do "Arquivo Histórico de Joinville" contendo trabalhos de Raquel S. Thiago, Rosa Herkenhoff e Maria Thereza Bobel, sobre assuntos interessantes relativos à cidade e à região. Trata-se de uma publicação séria que, embora mimeografada, cumpre com perfeição o seu papel e agrada aos pesquisadores, em especial na área da História.

Circula também mais um número de "FURB — Revista de Divulgação Cultural" (número 36 — 1987), contendo trabalhos do maior interesse, dentre os quais destaco o pequeno ensaio "Ficção Científica: O Conto", de autoria da professora Anamaria Kovács, da área de letras da Universidade de Blumenau e também pertencente ao Núcleo da AESC, desta cidade. Esse pequeno trabalho informa e esclarece vários aspectos interessantes desse gênero literário que ganhou grandes dimensões e tem nomes de relevância entre os que o cultuam no mundo todo.

Merece referência ainda a publicação "O Sul Fala à Nação", contendo as matérias tratadas num simpósio sobre a nova Constituição Federal e a região sul, lançada pela União Parlamentar Interestadual. Nesse simpósio, cujos principais textos estão no livro, foram abordados inúmeros assuntos de interesse da região, destacando-se os que dizem respeito à área cultural. Essa área, por sinal, em geral é tratada pelo Poder Público como mera perfumaria, e a destinação de verbas para o setor, quando ocorre, não passa de migalhas. Surpreende, assim, que o referido simpósio tratasse do assunto cultura com objetividade, embora o espaço que lhe foi dedicado fosse ainda muito pequeno. Mas, antes disso do que o silêncio completo.

— . — . — . — . — . — . —

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina (AESC) promoveu lançamentos, em noites de autógrafos, dos livros "Movimentos Automáticos", novela de Amílcar Neves, editada na Coleção Escritores Catarinenses, em convênio entre a própria AESC e Massao Ohno Editor, de São Paulo; "O Mito e o Rito", de autoria do crítico catarinense Lauro Junkes, edição da UFSC e "Na voz do Silêncio", de Almir Martins, poeta e professor na região Sul do Estado.

A Galeria Arte 88 — Casa da Alfândega, de Florianópolis, promoveu exposição de pinturas dos artistas paulistas Leila Luli e Edilson Ferri, com muito sucesso. E a Galeria Açu-Açu, desta cidade, promoveu uma noite muito movimentada, com exposição de obras de Iraê, Julieta e Vera e lançamento conjunto de livros de Adolfo Boes Júnior e Martinho Bruning, também com grande afluência de público.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

TRÊS IRMÃOS CIDADÃOS HONORÁRIOS DE TRÊS CIDADES

— F.S.F. —

O que segue é o resumo da monografia, a ser lançada ainda em 1988, sobre este fato singular, que, em sua raiz, remonta à Colônia de São Pedro de Alcântara, no município de São José, que foi berço da imigração germânica em Santa Catarina.

Johannes Peter Schmitt, nascido em Brohl (região do rio Mosela) a 8 de setembro de 1791, foi um dos numerosos colonos alemães, arregimentados pelo Primeiro Império para fundarem na Província de Santa Catarina a primeira colônia não lusa. Embarcados no porto de Bremen em 1828, em novembro do mesmo ano aportaram ao Desterro, de onde, após peripécias várias, pouco a pouco, a partir de março de 1829, foram encaminhados para o sertão. Ao primeiro grupo, fundador de São Pedro de Alcântara, pertencia o citado Johannes Peter Schmitt, com a esposa Maria Madalena Wirschem, nascida em Moselkern (Mosela) no ano de 1792, e cinco filhos menores (além dos que teve, depois, já no Brasil). O mais velho desses filhos, João Adão (nascido em Brohl em 1814), ia tornar-se, em São Pedro, o pai de Nicolau Adão Schmitt (nasc/1838); este, por sua vez, pai de Adão Nicolau (nasc/1863).

Este último foi o progenitor, dos cidadãos honorários do nosso interesse. Além destes três, Adão Nicolau teve mais 11 filhos com sua esposa Maria Luísa Deschamps (nasc/1866), bisneta de Nicolau Deschamps I (nasc/na Alemanha em 1795), neta de Nicolau Deschamps II (nasc/na Alemanha em 1817): os dois igualmente co-fundadores de São Pedro de Alcântara, mas depois moradores de Gaspar/Belchior, onde faleceram, constando no livro de óbitos daquela paróquia católica, corretamente, como alemães natos. Ficou em São Pedro apenas o Nicolau Antônio Deschamps (ali nasc/ em 1842), filho de Nicolau Deschamps II e pai de Maria Luisa. Também dos Schmitt de São Pedro de Alcântara foram quatro irmãos fixar residência e fundar família em Gaspar: Pedro, Adão, Miguel, Jacó, filhos do citado João Adão, que se casara em São Pedro com Ana Maria Bins, em 1837, da qual teve ao todo nove filhos (1). A migração de parte desses Deschamps e desses Schmitt de São Pedro para o vale do Itajaí explica, até hoje, a grande presença destes patronímicos em Gaspar, Ilhota e Itajaí.

Essa digressão genealógica traz-nos, por fim, até aos cida-

(1) O livro de frei Elzeário Schmitt, "A Casa dos Jasmins", em seu 3.º capítulo, depois lançado em separata pelo Governo do Estado, ao ensejo do sesquicentenário da Imigração (1979), historia a fundação da Colônia de São Pedro de Alcântara, constituindo, de resto, a evocação romântica de uma daquelas famílias descendentes de Johann Peter Schmitt, o imigrante de 1829.

dãos honorários Arnaldo Leonardo Schmitt, Pedro de Alcântara Schmitt e José Lino (frei Elzeário) Schmitt, três dos 14 filhos de Adão Nicolau Schmitt e, portanto, trinnetos do imigrante Johann Peter — o patriarca de uma das famílias catarinenses sem dúvida mais numerosas (2).

I. ARNOLDO LEONARDO SCHMITT. (1891-1987), CIDADÃO HONORÁRIO DE JARAGUÁ DO SUL. Terceiro filho de Adão Nicolau Schmitt e Maria Luísa Deschamps. Casou na cidade de Blumenau, em 1915, com Otília Prim, filha do médico Pedro Prim, residente em Blumenau. No ano seguinte, estabeleceu-se em Jaraguá do Sul, à beira da estrada que leva a Pomerode. Ali abriu um pequeno modestíssimo curtume, que em tempo de poucas décadas viria a tornar-se a "Comércio & Indústria Schmitt S/A", que até hoje produz solas e couros em escala industrial, exportando para outros Estados. Indefesso batalhador, com saúde invejável, construiu ali um pequeno império, pioneiro do hoje invejável parque industrial de Jaraguá. Pai de 15 filhos, dos quais os mais velhos cedo se tornaram seus valiosos auxiliares, teve seus inegáveis méritos de industrial, homem de trabalho, cristão e benfeitor, da comunidade seguidamente reconhecidos, tanto pelo respeito de que era rodeado, como pela imprensa de Jaraguá, que em momento algum lhe regateou reconhecimento e louvores. Isto se tornou patente, sobretudo, por ocasião de suas Bodas de Ouro, de Diamante e de Ferro, em

1965, 75 e 80, respectivamente: já pela raridade dos três acontecimentos acumulados, era toda vez uma festa tanto da sua numerosa família quanto da sociedade de Jaraguá, de cuja Associação Comercial e Industrial foi presidente de 1942 a 44, o que em 1974 lhe valeu o Diploma de Mérito "em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à entidade".

Arnoldo Leonardo Schmitt recebeu o título de "cidadão honorário" de Jaraguá do Sul pelo decreto legislativo n.º 05/75, de 10 de novembro de 1975, e para entregar-lhe a distinção toda a Câmara Municipal reuniu-se, em sessão festiva, no clube "Juventus", em cujo salão maior, no mesmo dia 20 de novembro, se realizava a festa das Bodas de Diamante do homenageado e da sua esposa Otília Prim. Em nome da cidade, falou o industrial vereador José Carlos Neves. Ambos os jornais de Jaraguá deram ao ato a maior importância, através de fotos e crônicas. A "Gazeta de Jaraguá", de 28/11/75: "Um acontecimento inédito, de repercussão social no Estado de Santa Catarina, que movimentou a sociedade jaraguense, a tributar, como merecidas, as homenagens aos Schmitt, cercados de seus descendentes." O "Correio do Povo", de 22/11/75: "A comunidade, além de lhe dever justiça por uma indústria das maiores e pioneira em Jaraguá, deve-lhe ainda outros benefícios. Durante muito tempo, Arnaldo Schmitt foi presidente do primeiro hospital de Jaraguá, havendo comprado o terreno onde hoje se acha o Hospital

(2) Em Santa Catarina, nem todos os numerosíssimos portadores do nome SCHMITT são descendentes de Johann Peter Schmitt, o patriarca de São Pedro.

São José. Foi um dos promotores da vinda dos Irmãos Maristas para Jaraguá, havendo doado, no centro da cidade, um terreno de 15 x 100 m ao antigo Colégio da Divina Providência. Seus carroções e cavalos, durante meses, puxaram grande parte do material de construção, tanto para o Colégio São Luís, como para o Colégio da Divina Providência, o grande Salão Cristo Rei e a atual igreja matriz católica de Jaraguá. A esta última doou um caminhão, um dos maiores vitrais existentes e o maior dos três sinos. Quanto à comunidade católica em particular, esta é devedora de reconhecimento ao Sr. Arnoldo Schmitt e à sua esposa ainda por inumeráveis serviços, e pela mais constante presença nos movimentos associativos e caritativos da paróquia." Do discurso de José Carlos Neves: "Gosto de ver um homem orgulhoso do lugar onde vive. Gosto de ver um homem viver de forma que o seu lugar venha a se orgulhar dele. . . O senhor, "seu" Arnoldo, sem maldade para com ninguém, com carinho para todos, estabeleceu um código mais elevado do que o dos grandes heróis, estadistas e homens públicos." Por ocasião das Bodas de Ferro Arnoldo-Otilia em 1980, o "Correio do Povo" antecipou a chamada, em longo artigo editorial do proprietário, Eugênio Victor Schmoeckel, em 15/11/80: "...colhe hoje as culminâncias de uma boda de ferro... Como todo jovem, via horizontes que iam muito além de São Pedro de Alcântara e de Angelina. Seus olhares voltavam-se para um centro maior, Blumenau, distante três dias a cavalo bem tratado. Numa de suas investidas nesse mundo desconhecido, topou com uma jo-

vem atraente, e, sem ser amor à primeira vista, bastaram três viagens a Blumenau para marcar o dia do casório com os pais da moça, Pedro Prim e Maria Philippi, trazendo a linda Otilia, nascida em Belchior. O dia 20 de novembro de 1915 repetir-se-ia em 1940, para a boda de prata; em 1965, para a boda de ouro; e em 1975, para a boda de diamante. Nos 65 anos, 20 de novembro de 1980, a boda de ferro será assinalada... Ele, com 89 anos, é o líder incontestado, acompanhando ela, com 82 anos, os seus seguros passos. Tão seguros e fiéis, como o foram os primeiros tempos do incipiente curtume, motivo de toda a sua vida, ainda com alguma pequena incursão na área da pasta mecânica, quando de início o dia todo era dedicado ao trabalho, e grande parte da noite era consumida segurando dona Otilia o lampião, para clarear a área onde Arnoldo cortava a golpes certos a acácia, para curtir os próximos couros... Nessa grandeza (a de Jaraguá), que é a grandeza pelo trabalho do nosso brasão, muito de trabalho de deve creditar ao ilustre casal. Ainda hoje Arnoldo Leonardo Schmitt dirige o curtume Jaraguá, motivo de orgulho para o empresariado jaraguense, pela qualidade do produto que apresenta no mercado... Generosas doações que fez às instituições, consideradas exageradas na época, mas que contribuíram, num quadro de ampla visão, para o grandioso futuro de nossa cidade. Hoje se ouve com freqüência comentário ao gesto de Arnoldo e dona Otilia: "Se não fosse esse casal..."

O lendário bisavô, cheio de verve humorística, cantor de modinhas alemãs antigas, contador incomparável de "causos", indus-

trial emérito, cidadão honorário, possuidor da mais antiga carteira de motorista (de 1926), que ainda depois de seus 90 anos de idade dirigia com desenvoltura seu grande Maverick pelo congestionado trânsito da sua cidade, após grande sofrimento faleceu em abril de 1987, com 5 meses além de 95 anos. O patriarca de Jaraguá teve um dos mais concorridos funerais de que se tem memória naquela cidade.

— — —

II. PEDRO DE ALCANTARA SCHMITT (nasc/ em 1/1/1899), CIDADÃO HONORÁRIO DE PORTO UNIÃO. Sétimo filho, e na mocidade maior companheiro de seu irmão Arnaldo nos árduos trabalhos e nas alegrias do Barro Branco. Rompendo, com a bênção de seus pais, naqueles tempos (!), o círculo estreito de São Pedro de Alcântara, aventurou-se ainda bem mais longe do que o Arnaldo: o dobro da distância — o município de Porto União. Uma odisséia de arrojo, no sertão de Lança (até hoje uma estação da estrada de ferro da RFF), perto de Porto União. Com sua esposa Verônica Wiese, mulher forte e determinada, com quem se casara em 1922, fez uma espécie de pacto de coragem, estabelecendo-se naquele mato, onde só encontraram modesta casa de madeira, muito pinheiro, cedro, erva-mate, alguma família de caboclo catarinense e muita solidão. Com trabalho imenso, persistência e muita calma, madrugadores teimosos e incansáveis, conseguiram transformar o lugarzinho numa colméia inquieta de atividades; sobretudo, numa comunidade de ordem, respeito e religião. Pedro de Alcân-

tara Schmitt tornou-se o maior madeireiro do município, movendo a um tempo, e sucessivamente, várias serrarias, dentro e fora do município, além de manter em Lança lavoura, casa comercial e criação. Encorajado pela mão-de-obra e pelos modestos recursos de sua comunidade, colocou igreja nova de alvenaria, grupo escolar para as crianças daquele povo antes abandonado, e agência de correio, não descansando enquanto não tivesse encontrado religiosas para a escola, freqüentada por seu próprios filhos. Muitos anos mais teria esperado aquele povo pela energia elétrica, não fosse o incansável empenho do serrador, que lhe antecipado esse benefício, já em proveito das serrarias, antes movidas a óleo, por dispendiosas máquinas locomóveis. Na serraria principal, mais próxima à via férrea, conseguiu ramal próprio, para o embarque da madeira rumo às praças consumidoras dentro e fora do Estado. Em poucos anos, a velha e esquecida Lança quadruplicou a movimentação obreira, social e religiosa, transformada em pequena vila, já não esquecida, inclusive, no roteiro dos políticos.

Considerado exemplo e modelo de fazendeiro e serrador, Pedro de Alcântara Schmitt; seus méritos como replantador de essências, conforme a lei, foram publicamente reconhecidos, o que levou o agente florestal do Ministério da Agricultura em Porto União a enviar-lhe, em 28 de setembro de 1940, o ofício laudatório com que só eram honrados os verdadeiros reflorestadores. E ninguém ousava sonhar que tal pioneiro, habituado a lidar com carroções de boi, caminhões no barro, depois tratores poderosos,

calçando bota bruta para o lamaçal, acordando, ainda madrugada, seus filhos maiores a fim de acompanhá-lo para o mato — a mostrar-lhes vida honesta e bela só é a dos que lutam com bravura, tenacidade e altivez —, ninguém sonhava que, umas décadas mais tarde, o mesmo homem, riço nos seus 76 anos, ia ser chamado a um salão cintilante em Porto União para, em densa solenidade cívica, fulgurando com presenças oficiais do município e respeitável multidão de admiradores, receber o seu diploma de Cidadão Honorário, como eloqüente reconhecimento público pelo que fez, com tamanho destaque de benefício, para o município que o acolhera como batalhador, e agora o aplaudia como benfeitor, de tão visíveis e inegáveis méritos, pois engrandecera Porto União, no material e no social, sobretudo pelo seu exemplo, que é o que mais avulta na pessoa de Pedro d'Alcântara Schmitt. O diploma honorífico baseia-se na lei n.º 860/74 do Município de Porto União, e está assinado, em 5 de setembro de 1974, pelo então prefeito Prof. Alexandre Passos Puzyna (hoje deputado federal por Santa Catarina).

Ambos os jornais da cidade não só teceram comentários sobre o notável acontecimento, como ainda transcreveram os discursos feitos na ocasião. Em peça oratória impecável, redigida pelo próprio homenageado, mas apresentada pelo filho mais moço devido à comoção que impedia o pai de

fazê-lo, Porto União, através de suas classes sociais ali representadas, tomou conhecimento da carga meritória do novo cidadão, que lhes contava sua vida, balizada pela consciência do dever, assinalada pelos frutos de um trabalho indefesso, em prol da família e da comunidade, árduo e ouriçado campo, em que, de par com muita satisfação, nunca faltaram desagradáveis surpresas, todas elas, porém, superadas com paciência e fé. O jornal "O Comércio", de 7/9/1974, ao ensejo da memorável solenidade cívica, referia-se ao homenageado em destacado artigo. O outro jornal da terra, o "Traço de União", na sua edição de 14/9/1974, publicou todo o discurso do novo cidadão portuniense.

Na cidade de Porto União, onde passara a residir, Pedro d'Alcântara Schmitt dois anos antes havia celebrado suas Bodas de Ouro, rodeado de todos os seus filhos netos e bisnetos, alguns de seus 13 irmãos e muitos amigos. Já naquela ocasião, o mesmo jornal, além de estampar artigo e fotos relativas à festa jubilar, pediu para publicar o sermão da missa de bodas, e antepôs à divulgação a nota que segue: "Conforme 'Traço de União' divulgou com o destaque merecido, pelo alto significado da efeméride, transcorreu no dia 16 de setembro último a passagem das Bodas de Ouro do benquisto casal Sra. Verônica e Sr. Pedro d'Alcântara Schmitt. Na ocasião, na igreja matriz do Alto da Gló-

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

ria, em Porto União, frei Elzeário, portador de soberba cultura, e irmão do Sr. Pedro Schmitt, proferiu magnífico sermão, cujas palavras, e atendendo a pedidos, vamos aqui inserir, com absoluta exclusividade. . .” (edição de 28/10/72). Por coincidência, no mesmo dia do casamento do casal, 16 de setembro, esse sacerdote, irmão de Pedro d’Alcântara, celebra seu próprio aniversário, sendo o terceiro cidadão honorário da família.

Nunca descuidou o Schmitt da Lança a formação dos filhos: apesar de viver ali fora da civilização, mandou formarem-se em Florianópolis e no Rio. Hoje, Valmor, com o filho, administra uma empresa de ônibus em Curitiba. Elzeário é gerente da Air France no Galeão. Silvestre administra os “Plásticos Paraná”, em Curitiba. Rogério passou 14 anos no exterior como gerente do Banco do Brasil S/A, sucessivamente em Paris, Lisboa, Buenos Aires, Santiago do Chile e Assunción do Paraguai. Hoje é gerente, no Rio, do Banco Brasil-Iraque. E o patriarca Pedro d’Alcântara Schmitt vive seus velhos dias, repletos de méritos, na velha mansão da sua cidade, preparando-se para celebrar, com bíblica dignidade, sua última festa: seus 90 anos de existência, idade além da qual já lhe foram adiante seus próprios pais e três irmãos.

III. JOSÉ LINO (FREI ELZEÁRIO) SCHMITT (nasc/ 1911), CIDADÃO HONORÁRIO DE CANOINHAS. Último dos 14 filhos de Adão Nicolau Schmitt e Maria Luísa Deschamps, ordenou-se sacerdote franciscano em Petrópolis com 24 anos de idade. Menos de um ano mais tarde, foi envia-

do para a Bélgica, a fim de lecionar num seminário. Matriculou-se em seguida na maior universidade do sul da Alemanha, na “Ludwigsuniversitaet” de Munich, para o estudo das línguas românicas e doutoramento em filosofia. Mas sobreveio a Segunda Guerra Mundial, que o levou a matricular-se, com os mesmos fins, em Lovaina (Bélgica), a maior universidade católica da Europa. Invadida a Bélgica em maio de 1940, frei Elzeário tornou-se um entre milhões de refugiados belgas, holandeses e franceses, que fugiam para o sul. Já com graves lesões pulmonares, ainda conseguiu em Lisboa um vapor que o trouxe de volta ao Brasil, a fim de curar-se em Campos do Jordão. Dez anos mais tarde, já em Canoinhas, norte do Estado, fundou a “BIC” (Biblioteca Infantil de Canoinhas), uma obra de relevante alcance cultural e social que beneficiou toda a população, também a adulta. Ao ensejo dos 50 anos da emancipação do município de Canoinhas, a cidade levantou um concurso, em âmbito estadual, para a letra e a música do seu hino. Frei Elzeário concorreu sob pseudônimo, e seus versos mereceram o agrado da comissão julgadora, porque obedeciam aos requisitos temáticos exigidos. (Mais tarde, a cidade de Mafra, através do seu governo municipal, também anunciou um concurso para o seu hino. Frei Elzeário, concorrendo outra vez, teve escolhida e premiada a sua letra, depois colocada em música por vários compositores, entre eles frei Odorico Durieux, do Colégio Santo Antônio de Blumenau, cuja empolgante música foi a escolhida). Em 1961, frei Elzeário recebeu o título de Cidadão Honorário de Ca-

noinhas, em vista dos benefícios prestados à comunidade, colhendo seu diploma, em sessão festiva, das mãos do prefeito João Colodel. O homenageado, além de manter a "BIC", que funcionava em três pavimentos de um vistoso prédio no meio da cidade, colaborava na rádio de Canoinhas e nos dois jornais da cidade, além de atuar plenamente nos serviços ministeriais da paróquia, visitando, também, capelas do interior, com mais regularidade a grande comunidade de Três Barras, hoje paróquia.

Frei Elzeário escreveu vários livros, e traduziu outros. Continua atuando na imprensa confessional e aconfessional do País. Sua grande atenção continua voltada para a Imigração em Santa Catarina, trineto paterno que é de João Pedro Schmitt e trineto materno de Nicolau Deschamps I,

co-fundadores da primeira comunidade germânica em Santa Catarina, a Colônia Imperial de São Pedro de Alcântara, sobre a qual publicou um ensaio histórico, premiado no Rio em 1973 (Concurso "Thomas Mann"), depois incluído no seu livro mais procurado, "A Casa dos Jasmins", citado em rodapé anterior.

— — —

NCTA. A monografia "Três Irmãos Cidadãos Honorários", em véspera de lançamento, edição do autor (frei Elzeário Schmitt), além de publicar discursos, notas de imprensa e as biografias ampliadas, documenta, em clichê, a condição honorária dos cidadãos em apreço. Conforme ficou assinalado, aqui se publica apenas em resumo o anunciado estudo.

Aconteceu...

Agosto de 1988

— DIA 1.º — Técnicos de várias áreas começaram a discutir, na FURB, os possíveis reflexos de fatores ecológicos sobre a ocorrência de cheias no Vale do Itajaí. O debate foi promovido pelo Projeto CRISE.

* *

— DIA 4 — No Hospital Santa Isabel, foi ativada, às 11 horas da manhã, no Banco de Sangue, uma central sorológica para testes de Aids e que passou a atender toda a área abrangida pelo 7.º CARS, ou seja, a região do Vale do Itajaí. A unidade pode fazer 150 testes diários.

* *

— DIA 5 — Com um concerto clássico-popular executado pela Banda Sinfônica da Polícia Militar, o Corpo de Bombeiros comemorou os 30 anos de instalação em Blumenau. Outras programações foram ainda realizadas para comemorar condignamente o acontecimento, que contou com a inteira solidariedade e participação da comunidade.

* *

— DIA 6 — Dez unidades ecológicas de todo o Estado reuniram-

se, às 14 horas, na sala F-14, da FURB para a Assembléia das Entidades Ecológicas de Santa Catarina (AEESC). Além da eleição da secretária geral, foram discutidos os estatutos e as metas de trabalho da entidade.

* *

— DIA 3 — Para representar as indústrias de Blumenau no concurso "Operário Padrão 88", foi escolhido Sérgio de Almeida, 35 anos, empregado da Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos. A solenidade realizou-se na sede do Serviço Social da Indústria

* *

— DIA 12 — Com a "Nota da Poesia", o Colégio Celso Ramos, do bairro Garcia, encerrou as atividades da Semana do Estudante.

* *

— DIA 13 — Iniciou suas atividades um novo cinema em Blumenau. Trata-se do Cine Carlitos 2, que faz parte do circuito do Cinema do Carlos Gomes, em Blumenau, Florianópolis e Joinville. A nova casa de espetáculos situa-se à rua Nereu Ramos.

* *

— DIAS 13/14 — Com uma bem elaborada programação, constando de culto ecumênico, Gincana, feijoada, baile, jantar e almoço, o Grupo Escoteiro Leões de Blumenau festejou a passagem de seus 30 anos de instalação. Todo esse tempo o grupo tem prestado valiosíssimos serviços à comunidade blumenauense em diversas ocasiões, sejam festejos ou mesmo encontros. As nossas saudações.

* *

— DIA 16 — Segundo divulgou a imprensa catarinense, e, de acordo com dados fornecidos pelo Ministério da Saúde, Santa Catarina foi o Estado brasileiro que maior índice alcançou na vacinação antipólio realizada dia 13 do corrente mês.

* *

— DIA 18 — Segundo estatísticas divulgadas pela imprensa (JSC), o corpo de bombeiros de Blumenau atendeu, durante a estiação ocorrida durante o mês, 88 casos de queimadas no município.

* *

— DIA 20 — No Centro Esportivo do SESI de Blumenau teve início o Campeonato Sul Americano de Futebol de Salão, do qual, além de equipes brasileiras, participaram representações da Argentina, do Chile, do Uruguai e do Paraguai.

* *

— DIA 20 — Presidência pelo prefeito Dalto dos Reis, realizou-se a solenidade de inauguração da quadra de esportes e de quatro novas salas de aula na Escola Básica Municipal Francisco Lanzer, no bairro Tribess, subúrbio de Fortaleza. A comunidade local esteve presente e aplaudiu a obra da municipalidade.

* *

— DIA 23 — Informações fornecidas à imprensa anunciam que o Centro de Ensino Profissional, localizado à rua da Glória, no Garcia, formou mais 36 novos profissionais, entre eletricitista instalador, eletricitista de automóvel, mecânicos de máquina de costura e marcenaria.

A entrega dos diplomas foi feita pelo prefeito Dalto dos Reis, em solenidade bastante concorrida.

* *

— DIA 22 — Faleceu em Blumenau, o consagrado artista plástico, professor Ludwig Hemmerich, deixou cerca de 60 obras inéditas, e fundador do Colégio Pedro II, de Blumenau. O extinto prestou assinalados serviços à comunidade.

* *

— DIA 25 — Na Biblioteca Central “Prof. Martinho C. da Veiga”, na FURB, realizou-se a solenidade de abertura da exposição ÍCONES E FETICHES, do Grupo Transarte. Os artistas integrantes da mostra, são: Silese Thá, Ruth Barbi Assumpção, Nilsa Salvador Gomes, Marly Garatti Torrens, Maria de Lurdes Breailo, Maria Inês Zanini, Maria Pereira Pauluk, Fabiano Dalla Bona, Dalva Lobo, Chekuko Fujita Hokama.

* *

— DIA 29 — Antecipando o feriado, realizaram-se as festividades relativas à fundação de Blumenau, tendo sido cumprido vasto programa, inclusive o desfile dos clubes de caça e tiro e outras entidades.

Obra de J. J. Tschudi relativa a Santa Catarina é editada pela Fundação “Casa Dr. Blumenau” em co-edição com o CNPq

“As Colônias de Santa Catarina”, é o título do livro que a Fundação “Casa Dr. Blumenau” em co-edição com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico acaba de lançar, em fins deste mês de setembro.

Trata-se de importante documentário histórico extraído das obras de Johann Jakob von Tschudi, traduzido para o português e que tem a apresentação e anotações do professor Walter Piazza.

O livro contém 95 páginas, com ilustrações, focaliza aspectos das colônias de Joinville, São Francisco, Blumenau, Brusque, Itajaí, Florianópolis e São Pedro de Alcântara, com detalhes surpreendentes que bem justificam o conceito de que desfrutou J.J. von Tschudi como emérito pesquisador. Ele viajou por toda a América do Sul e produziu diversas obras que hoje são obrigatórias em todo acervo histórico dos países sulamericanos. Os livros que tratam de pesquisas realizadas em todo o Brasil, trazem informações valiosíssimas e, para os catarinenses, a atual obra editada pela Fundação e o CNPq, é uma leitura quase que obrigatória, especialmente àqueles que se interessam pela preservação da memória histórica de seu Estado e das antigas colônias catarinenses, percorridas pelo conceituado pesquisador a partir de 1860.

O livro “As Colônias de Santa Catarina”, acha-se à venda nas principais livrarias de Blumenau, assim como na Biblioteca “Dr. Fritz Müller”. A Fundação “Casa Dr. Blumenau” atenderá também a remessa de exemplares para outras livrarias do Estado, bastando enviar correspondência para a Caixa Postal 425 - 89100 — Blumenau.

Audiência consular da R.D.A. em Blumenau

Pela segunda vez o representante consular junto ao Escritório Comercial da República Democrática Alemã (DDR), Sr. Hans Dieter Beuthan, deu audiência em Blumenau, atendendo aos interessados em entrar em contato com seu país, buscando informações outras e também orientação sobre a possibilidade de visitar aquele país.

E mais uma vez, a audiência dada pelo representante consular, aconteceu na sala nobre da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", cedida por sua direção.

O Sr. Beuthan atendeu a numerosas pessoas que na manhã do dia 1.º do corrente mês de setembro lá compareceram em busca de informações.

Aproveitando a presença daquele representante consular, a direção da Fundação promoveu uma exposição cultural daquele país, afixando em painéis diversos "posters" com legendas em português, o que chamou a atenção dos frequentadores da Biblioteca naqueles dias em que permaneceu a exposição.

Os assuntos tratados entre o representante consular e os consulentes, foram, em regra geral, a respeito de: viagens turísticas à RDA, visto necessário, problemas com heranças naquele país, fornecimento de documentos pessoais e de parentes, possibilidade de estágios para estudantes, além de outros assuntos.

Ao final do horário determinado para as audiências, o Sr. Hans-Dieter Beuthan mostrou-se sumamente gratificado pelo grande interesse demonstrado pela população blumenauense, prometendo nova audiência com o mesmo objetivo em fins de novembro ou começo de dezembro do corrente ano.

O diplomata deixou ainda a informação a todos os interessados de que, para viajar com destino à RDA, basta obter o visto do passaporte no Escritório Comercial sediado em São Paulo, ou obter as instruções que acharem necessárias com o Sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em língua alemã junto ao gabinete do Prefeito de Blumenau, que está apto a dar toda a orientação neste sentido.

A primeira audiência realizada em março deste ano, também contou com a colaboração da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e o apoio oficial do prefeito Dalto dos Reis.

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Estrada de Ferro Santa Catarina

Com muito interesse li no último "Blumenau em Cadernos" diversos excertos do jornal "Blumenauer Zeitung", de 1907, sobre a "Construção da saudosa Estrada de Ferro Santa Catarina". Nunca é demais relembrar dados sobre a "nossa" Estrada de Ferro, a qual naquela época inaugurou e possibilitou um grande progresso para todo o Vale do Itajaí. Os trens daquela Estrada partiam e chegavam com uma verdadeira pontualidade britânica.

Aproveitando o ensejo, eu gostaria de acrescentar um pouco, para contar como foi conseguida a sua construção, naquela época.

Lá por 1941 mantive longa conversa com o Cel. P. C. Feddersen, que foi o idealizador da Estrada, e que batalhou com muito afiço, para finalmente ser construída. Segundo ele contou, tentou por algum tempo, junto ao Ministério competente, em Berlim, a autorização e necessário financiamento, para implantação da mesma. Até foi pessoalmente a Berlim, para novamente convencer as autoridades competentes e especialmente também os meios financeiros. Todavia, nem assim conseguiu, porque lá argumentavam que seria um empreendimento incapaz de assegurar um resultado financeiro, para o futuro, que, como parece mesmo, nunca deu. Nada conseguindo pessoalmente em Berlim, viajou para Londres, para tentar o mesmo assunto com os ingleses, os quais há mais de 30 anos atrás haviam construído a Estrada de Ferro Teresa Cristina, no sul do nosso Estado.

Astuto como só ele, sentindo que em Londres também não havia interesse, passou um telegrama de Londres a Berlim, informando que os ingleses estavam se interessando seriamente e que em Berlim deviam resolver com urgência, para não perder a oportunidade. Pequeno "truque" envolvendo a concorrência entre 2 nações, que, segundo tudo indica, teve bom resultado em Berlim: lá aprovaram imediatamente a construção pleiteada.

No mesmo "Caderno" transcrevem um artigo do "Blumenauer Zeitung", datado de 12 de outubro de 1907, no qual aquele jornal informa que a construção de nossa Estrada trouxe muitos trabalhadores de outras regiões, sendo que muitos vieram da construção da Estrada de Ferro São Francisco - Porto União, a qual tinha parado. A parada na construção daquela Estrada é outro assunto interessante, que merece ser lembrado.

Por 2 vezes o Governo do Estado do Paraná conseguiu fazer parar aquela construção, alegando junto ao Governo Federal, com muito vigor, que a "São Francisco - Porto União" viria acabar com a linha Curitiba - Paranaguá, implantada no século passado e até com o porto de Paranaguá. Felizmente não conseguiram o seu intento e, depois de 2 paradas na construção, aquela acabou sendo construída, para muito proveito do Norte de Santa Catarina.

Fritz Freytag

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA